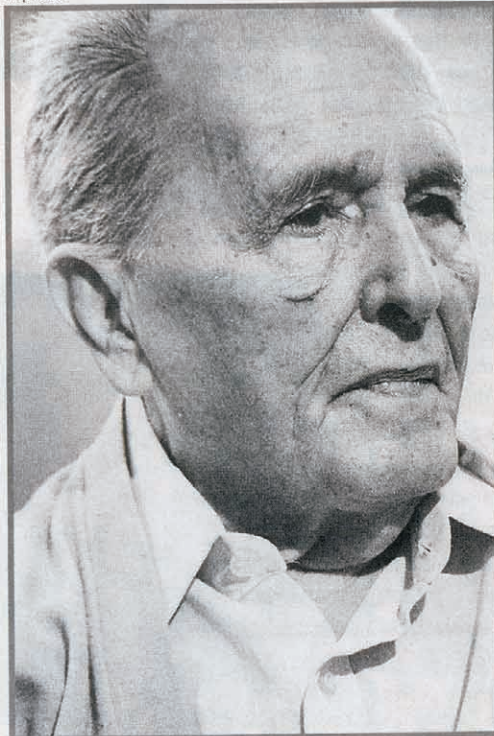


Do tenentismo ao comunismo de Prestes

A partir de 1932, o país viveu uma fase de agitação política, social e militar, talvez nunca igualada em outros períodos de nossa história, e que somente terminou no final de 1935, com as revoltas militares do Rio de Janeiro, Recife e Natal, cuja derrota deu início ao longo período de repressão que culminou com a implantação do Estado Novo, em 1937, e findou com a redemocratização e a deposição de Vargas, em 1945.

A revolução de 1930, tendo como bandeiras a representatividade do voto popular, o combate ao coronelismo político, à corrupção e ao atraso econômico, derrubou a República Velha, cujos principais expoentes eram os chefes políticos tradicionais de São Paulo e Minas Gerais, que se alternavam no poder, na chamada "política do café-com-leite", numa alusão às principais atividades econômicas daqueles estados. A ascensão de Getúlio Vargas ao governo provisório foi fruto de uma aliança heterogênea de políticos emergentes com dissidentes oportunistas do antigo regime e uma geração de jovens militares idealistas e politizados que, há uma década, lutavam por re-

Arquivo/DN



Luiz Carlos Prestes foi o principal líder do Movimento de 1935

formas políticas, através de intervenções militares.

A primeira dessas foi o levante da guarnição do Forte de Copacabana em 5 de julho de 1922, liderado pelos tenentes Eduardo Gomes e Siqueira Campos, um episódio que ficou conhecido como "Os Dezoito do Forte" e foi o ponto de partida do movimento conhecido como "tenentismo", que empolgou toda uma geração de militares, divididos ao longo de quadro décadas entre várias tendências ideológicas, sendo alguns de seus expoentes, como Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Juraci Magalhães e Ernesto Geisel, orientadores do golpe militar de 1964. O "tenentismo" era um movimento ao mesmo tempo nacionalista, contra a dependência do capital externo, anti-oligárquico, no combate ao coronelismo político e moralista, combatendo a corrupção nos vários níveis de governo. A grande contradição do movimento tenentista reside em sucessivas tentativas de purificação da democracia e valorização do voto popular através de intervenções militares, dentro da tradição das forças armadas, desde a proclamação da República. Em 1924, ocorreu o segundo 5 de julho, com o levante das guarni-

ções do Exército e da Força Pública de São Paulo e de quartéis de Exército na fronteira do Rio Grande do Sul, que ao serem reprimidas pelas forças legalistas, promoveram uma retirada estratégica e se uniram naquela que seria a lendária Coluna Prestes, comandada pelo capitão Luiz Carlos Prestes e que, contando com 1.500 homens, percorreu 25 mil quilômetros em 14 estados, durante trinta meses, até exilar-se na Bolívia, em 24 de março de 1927.

A extraordinária capacidade de liderança militar, os dotes de estrategista exímio, a austeridade pessoal e o caráter inatacável do jovem capitão de 24 anos, somaram-se à fama que a "coluna invicta" angariou no imaginário popular, e resultou na entrega simbólica a Luiz Carlos Prestes da liderança do tenentismo e, por extensão, daquela que então se denominava a Revolução Brasileira, anti-oligárquica, liberal, moralista e in-

dustrializante. Exilado na Bolívia e a seguir na Argentina, Prestes não era mais o idealista apolítico. Iniciou-se na leitura de Marx e nos contatos com os comunistas argentinos. Após a derrota de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais de 1930 para o candidato do presidente Washington Luís, Prestes passa a ser assediado pelos tenentes e pelo próprio Vargas, para assumir o comando do movimento militar. A essa altura, descrente da democracia liberal-burguesa, funda a Liga de Ação Revolucionária, de existência efêmera, recusa a adesão à Aliança Liberal no famoso manifesto em que renega seu passado tenentista e afasta-se da maioria de seus mais destacados comandados da Coluna, que apóiam Vargas, com ele chegam ao poder em outubro de 1930 e assumem importantes funções no Governo Provisório e como interventores em vários estados. Combatido pelo Partido Comunista do Brasil que, fundado em 1922, seguia então uma linha sectária, "obreirista", Prestes faz contato direto com a Internacional Comunista e é convidado para passar uma temporada de estudos do marxismo-leninismo na União Soviética, para onde viaja em setembro de 1931 e onde permanece até abril de 1934, quando chega ao Brasil, em companhia de Olga Benário.

Enquanto isso, a situação política no Brasil deteriorava-se em face da crise econômica e das contradições existentes no interior do governo Vargas, um amontoado heterogêneo de interesses conflitantes: os "tenentes" insatisfeitos com a ausência de reformas sociais, os cafeicultores e industriais paulistas inconformados com a perda do mando, os liberais clamando por eleições. Em 1932 eclode a Revolução Constitucionalista em São Paulo que, mesmo derrotada, consegue um objetivo: pressionado, Vargas convoca eleições para uma Assembléia Nacional Constituinte que, instalada em 15 de novembro de 1933, foi palco e iniciou um período de dois anos dos mais agitados da vida parlamentar brasileira.

Apesar da ampla maioria obtida pelo governo e da eleição indireta de Vargas para um mandato constitucional de quatro anos (1934 - 1938), uma aguerrida bancada de oposição repercutiu no congresso a agitação e a polarização ideológica existente no país. Plínio Salgado fundaria, em 1933, a Ação Integralista Brasileira, organização de orientação fascista que empolgou os setores de direita, inclusive com forte penetração nos quartéis e marcada linha anticomunista. De outro lado, começavam a articular-se os setores democráticos de esquerda, que incluíam socialistas, nacionalistas, trotskistas, operários, camponeses, intelectuais e estudantes, para a formação de uma organização que contrabalançasse o crescimento do fascismo e forçasse o governo Vargas a tomar medidas populares.

Fotos Arquivo/DN



Prestes no Conselho Especial da Justiça Militar, onde foi julgado como desertor do Exército

Instalada em março de 1934, a Aliança Nacional Libertadora era uma frente ampla, cuja principal força era constituída pelos tenentes dissidentes da Revolução de 30, inconformados com os rumos tomados e que ainda reconheciam em Prestes o seu líder e comandante. Seu presidente era o capitão da marinha Hercolino Cascardo, revolucionário de 30, democrata de esquerda e interventor federal no Rio Grande do Norte de julho de 1931 a julho de 1932. Oito dos dezessete membros do Diretório Nacional eram militares. O Partido Comunista do Brasil somente a ela aderiu após a decisão da Internacional Comunista de recomendar aos seus partidos filiados, a política de frente popular. Antes disso porém, muitos "tenentes" comunistas haviam aderido. A chegada de Prestes ao Brasil, seu apoio à ANL - Aliança Nacional Libertadora, e sua escolha para presidente de

honra incendiaram o tenentismo, aumentou a adesão ao movimento e produziu uma seqüência de assembléias e manifestações populares, que culminaram com os grandes comícios do dia 5 de julho em São Paulo e no Rio de Janeiro. Neste, o estudante Carlos Lacerda leu o manifesto de Prestes, sectário e provocativo, que ao final proclamava: "abaixo o fascismo, por um Governo Popular Nacional Revolucionário, todo o poder à ANL". Seis dias depois, o governo publicou o decreto de fechamento da ANL e a prisão de numerosos oficiais aliancistas. Esses atos, embora não justificassem, influenciaram decisivamente a eclosão dos levantes de novembro.

Compreensivelmente, desde a adesão de Prestes ao marxismo-leninismo em 1929, o Partido Comunista o rejeitava, em parte pelo radicalismo da linha "obreirista" que afastou da direção os intelectuais, substituídos por qua-

dros oriundos do operariado. Alegando sua origem pequeno-burguesa e seu personalismo, na realidade temiam que seu prestígio popular se sobrepujasse ao partido e faziam forte oposição ao que então se denominava "prestismo". Seu ingresso no PCB somente ocorreu por imposição da Internacional Comunista, na ocasião da ida dos integrantes do Comitê Central a Moscou, para participar do VII Congresso da IC - Internacional Comunista, em outubro de 1934. Nessa ocasião foi também decidida a volta de Prestes ao Brasil e a preparação para instalação, no Rio de Janeiro, do Bureau Sul-América da IC, que seria transferido de Buenos Aires, para o qual, a pedido do Comitê Central, foram destacados cinco quadros da organização com funções de assessoramento, entre eles, Olga Benário e Arthur Ernst Ewent, o "Harry Berger", ambos alemães. No primeiro semestre de 1934 assume o cargo de Secretário Geral do PCB, Antônio Maciel Bonfim, o Miranda, um professor primário do interior da Bahia, que ascendeu graças à política "obreirista" do partido e seu reconhecido poder de envolvimento, inclusive dos membros da Internacional. Seus relatórios, tanto para Moscou como para o CC - Comitê Central, em tom triunfalista, alegavam que o país estava pronto para a revolução socialista, com intensa mobilização no campo (o que era uma fantasia), nos sindicatos (um exagero) e no meio militar. Prestes, afastado da realidade brasileira devido a dez anos de lutas, exílio e clandestinidade, dotado de uma personalidade destituída de sentido pragmático e de oportunidade, fatalmente entregou-se aos mesmos devaneios.

A partir de julho de 1935, fechado o único canal de atuação política legal, a ANL - Aliança Nacional Libertadora, os tenentes aliancistas e comunistas recomeçaram a prática do esporte preferido de sua geração há treze anos: a conspiração. E a preparação daquilo que sua formação autocrática entendia como a forma mais justa de tomar o poder para realizar as reformas que julgavam necessárias para o país: o levante, o golpe, o "putsch". Em várias guarnições do país, mas, principalmente, no Rio de Janeiro, em Recife, Maceió, João Pessoa, Natal, Belém e Manaus, articulavam-se oficiais, sargentos e cabos para um movimento militar que não se sabia quando ou onde começaria, mas para o qual todos tinham uma certeza: o comandante seria Luiz Carlos Prestes.



Bancada do Partido Comunista, em 1947, com Prestes (1) no Senado e Jorge Amado (13), na Câmara